

## REFERENCIAÇÃO E PROJETO DE DIZER: ANÁLISE DE UM ARTIGO DE OPINIÃO

Ana Rosa Ferreira Dias<sup>1</sup>

Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP  
e da Graduação da Universidade de São Paulo-USP

Sandra Gomes Rasquel<sup>2</sup>

Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela USP

### RESUMO

O objetivo do presente artigo é compreender como a referenciação pode contribuir para a construção do projeto de dizer e para a viabilização de uma multiplicidade de sentidos textuais que podem ser inferidos a partir das estratégias utilizadas nesse processo. A proposta de compreensão do processo de referenciação que nos guia segue os estudos da Linguística Textual (MARCUSCHI, 2001; KOCH, 2001; 2008; CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULLA, 2003; ELIAS e RIBEIRO, 2008; ALVES FILHO, 2010; SANTOS e COLAMARCO, 2014, SANTOS e CAVALCANTE, 2014 e KOCH e ELIAS, 2016). Tomamos por *corpus* de análise o artigo de opinião discutido por Ricardo Kertzman, “Bolsonaro em sua *live*: mentiroso como sempre, ignorante como nunca”, publicado em 18/06/21, no jornal *O Estado de Minas*. Temos como categoria de análise a referenciação. No *corpus*, o referente selecionado é construído e retomado por anáforas diretas como a principal estratégia de referenciação utilizada pelo articulista do artigo.

**Palavras-chave:** Referenciação. Objeto de discurso. Projeto de dizer. Linguística textual.

### Introdução

Comentários e opiniões são atividades discursivas por meio das quais a imprensa aborda os acontecimentos do cotidiano da sociedade. Em meio a situações conflituosas, por a nu as intenções dos atores dos acontecimentos é assumir para si não só a capacidade de perceber o oculto mas também de avaliar o percebido, opinar e, opinando, inquirir o leitor a ponto de levá-lo a posicionar-se. A realização de tal intento se faz possível por meio de diversos procedimentos que, em conjunto, constituem um projeto de dizer.

O projeto de dizer leva em conta que a imprensa, sendo do domínio da escrita, é um campo de atividade discursiva que ocorre numa situação de troca monolocutiva, o que significa, no dizer de Charaudeau (2006, p. 234), que o jornalista “não estando em situação física de contradição imediata (não há alternância de turno de fala, logo, não há interrupção possível), pode desenvolver sua análise ou sua argumentação planejando-a previamente, redigindo-a num determinado espaço de maneira contínua, escolhendo suas palavras e, se necessário, corrigindo-a”. Dentro desse contexto, os procedimentos linguístico-discursivos

1 Endereço eletrônico: anarosadias@uol.com.br

2 Endereço eletrônico: sangr2012@yahoo.com.br

adotados comporão uma certa maneira de dizer com finalidades estratégicas e irão variar segundo a convivência que se quer estabelecer com o parceiro da comunicação, podendo ser ela crítica, irônica, de irrisão etc. No terreno da política, campo fértil para abordagens na esfera jornalística, a referenciação é uma das estratégias que tem relevo para o estabelecimento de orientações argumentativas na consecução do projeto de dizer.

Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é compreender como a referenciação pode contribuir para a construção do projeto de dizer e para a viabilização de uma multiplicidade de sentidos textuais que podem ser inferidos a partir das estratégias utilizadas nesse processo.

Neste artigo, a proposta de compreensão do processo de referenciação tem por aporte teórico os estudos desenvolvidos no campo da Linguística Textual, especialmente por Marcuschi (2001); Koch (2001; 2008); Cavalcante, Rodrigues e Ciulla (2003); Elias e Ribeiro (2008); Alves Filho (2010); Santos e Colamarco (2014), Santos e Cavalcante (2014) e Koch e Elias (2016). Em nosso estudo, tomamos por *corpus* de análise o artigo de opinião “Bolsonaro em sua `live`: mentiroso como sempre, ignorante como nunca”, do jornalista Ricardo Kertzman, publicado em 18/06/21 na coluna “Opinião sem medo”, disponível no site do jornal *O Estado de Minas*.

Como sabemos, o produtor de um texto inscreve em seu texto o outro, o interlocutor entendido como um conjunto representativo de uma comunidade de leitores ou ouvintes. Nesse sentido, esse texto fornece pistas sobre a identidade desse outro: sobre seu saber, sua posição social, aptidões, interesses e necessidades. Fornece pistas para os “discursos que constituem esses dizeres, que possibilitam a existência do processo interativo estabelecido entre a produção, as formas de circulação e a recepção desse texto, as formas de construção dos sentidos e dos efeitos de sentido” (BRAIT, 2004, p. 199).

### **O processo de referenciação**

De acordo com Koch (2001, p. 75), a referenciação é uma “atividade cognitiva-discursiva e interacional”, na qual os referentes são objetos de discurso que contribuem para a construção de sentido textual e são produzidos por sujeitos sociais. Para Mondada e Dubois (2003, p. 20), ela surge de práticas simbólicas e é uma construção de “objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo”. Nesse sentido, os objetos de discurso (referentes) são culturalmente construídos como representações que se processam nas instâncias discursivas. Segundo Mondada e Dubois (2003), não há uma relação direta entre os

objetos e sua representação, mas uma relação entre o cotexto e o contexto, que se configura em um processo. E, como processo, o uso do termo referência é mais adequado do que o termo referente, o que justifica sua substituição (referente por referência).

Essa perspectiva é compartilhada por Machado (2013, p. 171) que sustenta que o termo referência se associa a uma visão que representa a língua como estática, e sua substituição pelo termo referência torna-se mais adequado por trazer “a noção de processo, atividade dinâmica que se constitui na interação discursiva”. Dessa forma, no ato de referenciar é importante compreender o sentido que se constrói no texto, o que leva ao uso do termo referência e não mais de referência. O conceito de coesão referencial não recebe uma descrição adequada se somente considerarmos que sua função se limita à busca de referentes no texto, como é comum encontrarmos em livros didáticos (SANTOS, 2015).

Conforme Santos e Cavalcante (2014, p. 226), de acordo com a perspectiva contemporânea de referência, o objeto de discurso é entendido como algo que é construído durante a enunciação, “num movimento sociocognitivo de ativação de conhecimento prévios”, do qual o “contexto passa a ser constitutivo dos fenômenos referenciais”. Embora vigore essa nova tendência na tratativa da referência, ainda há autores que seguem a proposta de não considerar o papel do discurso no estudo da referência e nomeiam o processo como referência e focam na busca do referente no texto.

Por compreenderem o texto como um fenômeno comunicativo associado ao contexto sociocultural dos interlocutores, em uma perspectiva sociocognitiva e interacional da linguagem, Santos e Colamarco (2014) e Santos (2015) entendem que o processo de referência contribui para a construção dos sentidos, associados à coesão e à coerência, e depende das escolhas dos sujeitos falantes. Desse modo, o processo de compreensão de um texto dependerá da percepção de aspectos inferenciais e referenciais no qual esses sujeitos farão uso de conhecimentos de mundo prévios, de seus conhecimentos linguísticos, interacionais, intertextuais e contextuais. Considerar os efeitos de sentido envolvidos nas escolhas dos falantes passa a ser fundamental, o que se torna mais efetivo do que apenas levar em conta o processo de remissão/ retomada de referentes (SEARA; SANTOS, 2019).

Na visão de Elias e Ribeiro (2008), a referência pode ser vista como um jogo em que há o entrelaçamento dos referentes que se conectam no universo textual e que demandam que o interlocutor mobilize conhecimentos diversificados e recorra a processos cognitivos inferenciais, que auxiliam na construção de sentidos, por meio da ação linguageira em situação de troca social.

Com base na relação dialógica que pauta o processo de referenciação, os objetos de discurso já preexistem, sendo que as expressões escolhidas para o ato de referir circulam nos grupos sociais a que pertencemos, o que implica considerar que os modos de referir devem ser pensados também como um ato de apropriação do que circula socialmente. Os objetos de discurso refletem e refratam os objetos de mundo, o que configura sua construção como contextualizada e pautada na realidade (ALVES FILHO, 2010).

O referente precisa atender às realidades extralinguísticas, o que inclui os mundos físico, biológico, das ideias, dos sonhos e das ficções. Compreender os referentes nos permite apreender como as diversas realidades são categorizadas no discurso e como se relacionam com ele. Nesse sentido, a referenciação é ao mesmo tempo nova e dada. Nova como configuração léxico-semântica particular dentro de um determinado enunciado e dada como resultante de um discurso social e como expressão de uma apreciação axiológica socialmente legitimada (ALVES FILHO, 2010).

Para a compreensão desses objetos de discurso e do processo referencial, o leitor precisará acionar seus conhecimentos prévios para ser capaz de fazer associações, compreender as cadeias referenciais e construir os sentidos a partir das pistas textuais. Destacam que a instabilidade do referente é intrínseca ao discurso, uma vez que a construção e reconstrução dos objetos de discurso serão dados no evento comunicativo específico, e isso demandará dos sujeitos do discurso a escolha significativa de recursos linguísticos para representar os referentes, conforme sua proposta de sentido (SANTOS; COLAMARCO, 2014).

Alves Filho (2010, p. 218) salienta a importância que os gêneros do discurso apresentam no processo de referenciação, uma vez que como ferramenta sociocomunicativa, o gênero orienta a atividade referencial ajustando-a às funções discursivas e aos propósitos comunicativos. Os gêneros como bula de remédio, por exemplo, direcionam a atividade referencial para a monofonia, cuidando para que a “expressão referencial nominal única seja compreendida como categorizando um mesmo referente”.

A referenciação abrange as formas de introdução e retomada de novos referentes e configura a progressão referencial. Há inúmeros processos referenciais e a tarefa de classificá-los pode ser custosa, desse modo, discutimos ao longo da fundamentação teórica e das análises alguns dos processos referenciais mais importantes destacados por Koch (2004), Cavalcante (2011) e Koch e Elias (2014): a anáfora direta, indireta, o encapsulamento, a dêixis e a focalização/desfocalização. É importante notar que diversos autores da Linguística

Textual não utilizam mais o termo catáfora, uma vez que o conceito genérico de anáfora abrange ambos os casos, com a diferenciação em seu direcionamento retrospectivo ou prospectivo (FONSECA, 1992; SEARA; SANTOS, 2019; CAVALCANTE, 2011).

Quando há correferencialidade, o processo de referenciação é denominado de anáfora direta (AD) e em sua ausência, temos a anáfora indireta (AI). Os objetos de discurso introduzidos no texto podem ser retomados por uma estratégia anafórica retrospectiva ou prospectiva. A correferencialidade é um aspecto importante ao se tratar da anáfora direta, já que a âncora do termo referido está claramente presente no texto e não há nenhum esforço cognitivo para acessá-lo, tal como ocorre na anáfora indireta. A correferencialidade na anáfora se refere a qualquer processo anafórico em que há a retomada total do referente, independentemente de sua direção retrospectiva ou prospectiva (MACHADO, 2013; CAVALCANTE, 2003; CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULLA, 2003).

A anáfora direta corresponde às expressões que remetem a outras expressões, enunciados, conteúdo ou contextos textuais e pode retomá-los ou não, com a função de manter a continuidade tópica e referencial. Pode ser entendida como o substituto do elemento por ela retomado, o que traz a noção de correferencialidade, que nem sempre se processa de modo estrito. Essa continuidade não se limita às anáforas diretas, uma vez que não é condição obrigatória que haja a retomada de referentes, sendo função também das anáforas indiretas e encapsuladoras (MARCUSCHI, 2001).

Apothéloz (2003) considera que a correferencialidade está presente entre duas expressões quando elas designam no discurso o mesmo referente, considerado como caso protótipo de anáfora. Para Marcuschi (2001), a visão clássica e linear da anáfora de que ela retoma por completo as expressões antecedentes, negligencia o problema da referenciação em toda sua complexidade, como nos casos em que não há uma congruência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente:

Seguramente, aspectos gramaticais tais como concordâncias de gênero e número, serão decisivos em muitos casos, especialmente quando houver mais de um candidato a antecedente referencial. (...). Mesmo no caso da AD não se requer identidade de significação nem identidade estrita entre anáfora e antecedente. (...). Na sua essência, a anáfora é um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não um simples processo de clonagem referencial (MARCUSCHI, 2001, p. 219-220).

A anáfora indireta caracteriza-se por um elemento de relação (âncora) e não por um elemento antecedente explícito e dependem da interpretação e de processos inferenciais viabilizados pelo conhecimento de mundo dos interlocutores. Ela cumpre duplo papel: por

meio dela, novos referentes são introduzidos no texto, além disso, ela é responsável pela retomada ou reativação dos referentes, o que garante a continuidade referencial (KOCH, 2001; SANTOS; COLAMARCO, 2014). De acordo com Marcuschi (2001), nesse tipo de anáfora não há um vínculo de retomada direta com o cotexto; o vínculo se faz na continuidade temática, o que contribui para a compreensão textual e para a continuidade da relação referencial global.

Este tipo de anáfora exige um trabalho cognitivo mais complexo porque demanda um processo de inferenciação para que os efeitos de sentido e a coerência textual possam ser construídos a partir das pistas textuais. Contudo, esse processo de construção dependerá também das informações presentes em nossos “esquemas mentais culturalmente compartilhados” para que as associações entre cotexto e contexto possam ser estabelecidas (CAVALCANTE, 2003, p. 113).

Há autores que consideram a anáfora indireta como anáfora associativa, uma vez que nela o objeto de discurso é introduzido sob forma de informação dada, em função da associação inferencial com outros objetos presentes no co(n)texto sociocognitivo, ocorrida a partir de um *frame* ou de um conhecimento de mundo. Neste caso, a estratégia de associação consiste no emprego de expressões anafóricas na ausência de um referente claro no texto, inferível a partir de outros objetos textuais explícitos, que funcionam como âncoras textuais e permitem que um implícito possa ser reconstruído (por inferência) a partir de algum elemento do cotexto precedente (KOCH, 2008).

Para Marcuschi (2001), a anáfora indireta pode ser dividida em: tipo semanticamente baseado e tipo conceitualmente baseado. O semanticamente baseado demanda estratégias cognitivas que se apoiam em conhecimentos semânticos armazenados no léxico (âncora lexical precedente), entrelaçados a papéis semânticos. O conceitualmente baseado exige o conhecimento pautado em modelos mentais e demanda conhecimento de mundo/enciclopédico, ligado a processos inferenciais e ancorado no modelo de mundo textual presente no co(n)texto.

Marcuschi (2001, p. 228) conceitualiza um tipo de anáfora indireta em que a ancoragem se pauta em modelos mentais conhecidos como *frames*, *scripts* e cenários, nos quais pode haver uma relação cognitiva encapsuladora, não necessariamente ligada a léxicos precedentes, como no exemplo por ele citado: “O livro me agrada muito. Sobretudo porque o preço é acessível”. As relações, nesse caso, não são diretamente ligadas ao léxico e demandam um trabalho cognitivo para que as associações referenciais possam ser construídas.

Já o encapsulamento é considerado como um tipo de referenciação que se situa entre esses dois tipos clássicos de anáfora e sua função é sumarizar uma parte do texto a que ele se refere, mesmo que não haja a correferencialidade total (SANTOS; COLAMARCO, 2014). As anáforas encapsuladoras resumem proposições do discurso encapsulando-as numa expressão referencial, representadas prototipicamente por pronomes pessoais e por sintagmas nominais. As encapsuladoras recuperam o que há no co(n)texto, ainda que não haja a retomada de referente (CAVALCANTE, 2003; KOCH, 2008).

De acordo com Conte (2003), o encapsulamento anafórico é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal atua como uma interpretação resumida de uma porção precedente do texto. Por meio dele, um novo referente discursivo é produzido com base em uma informação dada.

O encapsulamento é considerado por Koch (2008) como uma atividade essencialmente metadiscursiva e como uma forma de ativação ancorada, na qual o produtor textual sumariza partes do discurso produzidas por meio de um pronome ou de uma expressão nominal. O rótulo dado por meio do uso de uma expressão nominal cria novos objetos de discurso. Nas palavras da autora:

o rótulo vai categorizar o segmento resumido de uma certa maneira, de acordo com a avaliação que o locutor faz do seu conteúdo ou de sua enunciação. Em seguida, no desenrolar do discurso, essa categorização pode ser mantida ou, então, podem ocorrer recategorizações ao longo da cadeia discursiva. Tanto a categorização como a recategorização são, em grande parte, responsáveis pela orientação argumentativa do texto (KOCH, 2008, p. 105).

Os encapsulamentos efetivados por meio de formas pronominais neutras (isto, isso, aquilo, o) ou por expressões nominais ((in)definidas e demonstrativas) têm maior custo de processamento do que as anáforas indiretas, uma vez que é preciso selecionar um segmento textual de extensão variada e construir uma entidade discursiva, a qual passa a “constituir um referente para futuras predicções” (KOCH, 2008, p. 105).

Segundo a autora, o produtor do texto precisa ter definido o segmento textual que vai encapsular e o leitor, por sua vez, necessitará identificar o que foi encapsulado para que, assim, possa fazer uma interpretação adequada, o que exige de ambos um grande esforço cognitivo. Essas são as anáforas complexas, que agem no sentido de dar uma continuidade referencial ao texto e na progressão do fluxo informacional, sendo simultaneamente temáticas e remáticas, o que contribui para a coerência do texto. Para Koch (2008, p. 106), as anáforas complexas são de grande importância no estabelecimento da coerência textual, visto que “o processo de

complexificação (re)constrói o conteúdo pré-mencionado como uma entidade discursiva unificada, as anáforas complexas desempenham uma função central no estabelecimento da coerência textual”.

Por seu turno, a dêixis é uma estratégia referencial associada ao entorno sociocomunicacional e marca o ponto de partida do falante em termos de pessoa, espaço e tempo no discurso (SANTOS; COLAMARCO, 2014). Ela pode ocorrer tanto nos processos de ativação quanto nos processos de reativação dos referentes e se processa por meio de elementos dêiticos: eu, você, aqui, lá, ali, entre outros. Compreender quem está falando, de quem se está falando, com quem se está falando é essencial para que as expressões possam ser entendidas, uma vez que esses elementos funcionam como coordenadas para o leitor (CAVALCANTE, 2011).

Já a desfocalização de um referente ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido e passa a ocupar a posição focal. No entanto, o objeto desfocalizado pode ser reativado a qualquer instante, uma vez que continua disponível na memória dos interlocutores, conforme progridem em sua leitura (KOCH; ELIAS, 2014; MOURA, 2018).

### **A propósito de nossa análise**

Para a análise do *corpus*, o artigo “Bolsonaro em sua *live*: mentiroso como sempre, ignorante como nunca”, do colunista Ricardo Kertzman (anexo), selecionamos o referente Jair Messias Bolsonaro, Presidente da República do Brasil, cujo mandato teve início no dia 1º de janeiro de 2019.

No artigo de opinião em estudo, a imagem do Presidente da República é construída e retomada durante todo o texto por meio de estratégias de referenciação que permitem manter a focalização no referente Bolsonaro. Como veremos, o referente é construído no modo como o articulista constitui o seu dizer que, por sua vez, tem em conta o objetivo que quer atingir, os leitores a quem se dirige e as características da situação comunicativa em que estão envolvidos.

Logo de início, podemos afirmar que o artigo não oferece nenhuma dificuldade para o leitor reconhecer que se trata de apreciações axiológicas negativas do referente — Bolsonaro — objeto de discurso do texto e foco de nossa análise. Tais representações refratam e refletem as que são construídas a seu respeito no meio social, informação essa já postulada na apreciação/formulação intensificadora que foi alçada a título do artigo: “Bolsonaro em sua

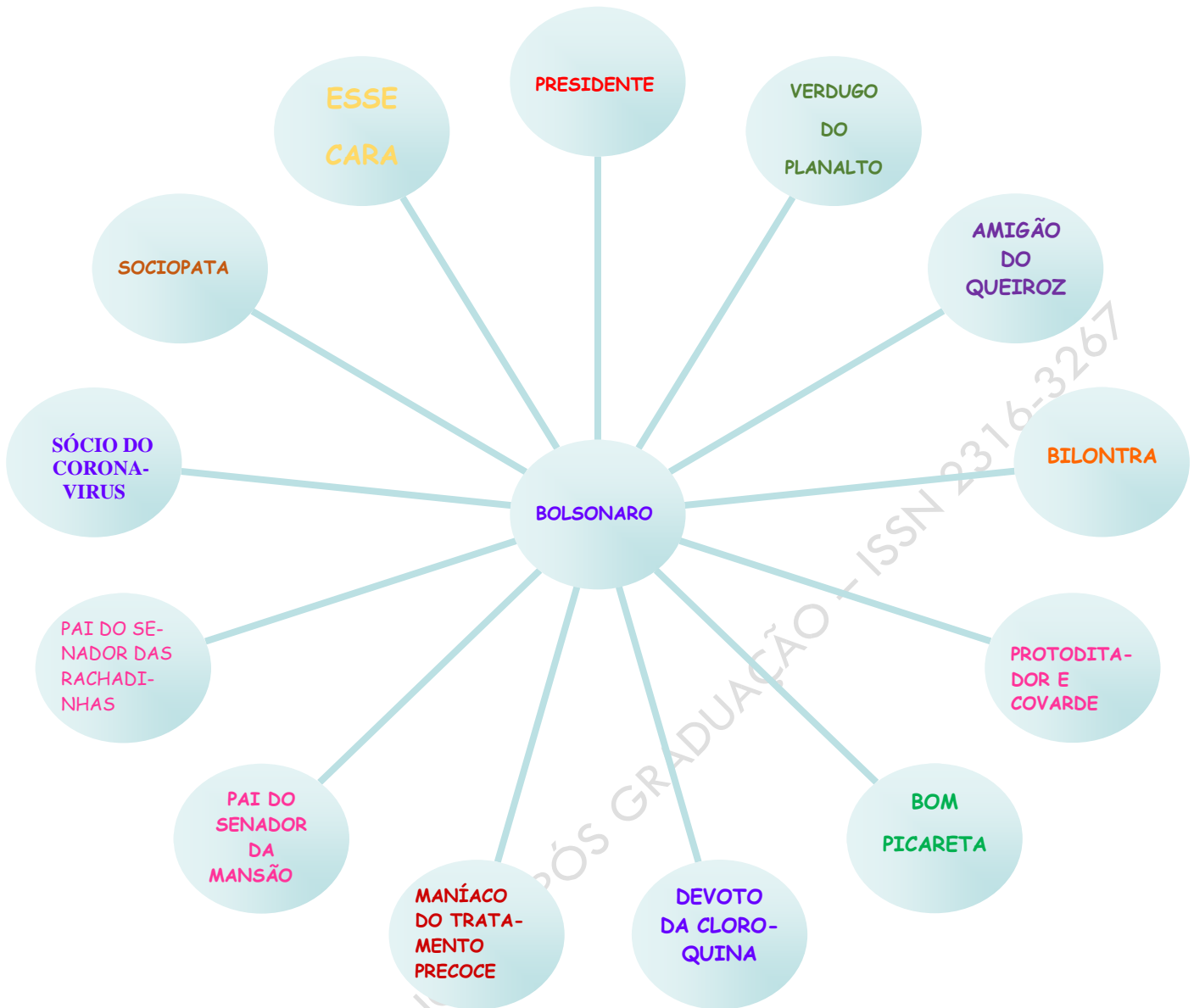


‘live’: mentiroso como sempre, ignorante como nunca”. Ser “mentiroso” e “ignorante” são traços de comportamento socialmente desqualificadores, que desvalorizam qualquer cidadão e ganham relevo quando postos a serviço da descrição de um chefe de Estado. As expressões adverbiais que hiperbolizam os adjetivos, inclusive, atribuem-lhe traços de renitência do caráter — “mentiroso *como sempre*, ignorante *como nunca*”. No subtítulo, o referente é retomado pela representação de seu cargo, “presidente”, por meio de uma anáfora direta ancorada que retoma o referente “Bolsonaro”: “Nesta quinta (17/06), presidente bateu seu próprio recorde de mentiras e estupidez”.

Conforme postulado na teoria, a referenciação é realizada por um coletivo, o que significa que referir é construir, categorizar, recategorizar objetos de discurso sob uma ótica social. Sobre o objeto de discurso incidem apreciações axiológicas enunciadas por vozes sociais que representam os valores circulantes em determinados grupos sociais. Nesse sentido, a referenciação foi pensada como um ato de apropriação de modos de referir que preexistem no meio social e a construção do referente bem como a sua retomada serão realizadas em consonância.

O objeto de discurso em análise — Bolsonaro — é retomado predominantemente por meio de anáforas diretas ancoradas que recategorizam o referente e o mantém vivo na continuidade tópica e na mente do leitor, o que contribui para a construção dos sentidos textuais por um lado e, por outro, para a compreensão da realidade social extralinguística instaurada no texto, que corresponde à construção da representação social que se faz do presidente, sob determinado prisma axiológico.

Um levantamento das recategorizações propostas (figura 1) para o objeto de discurso já nos permite verificar que o colunista faz inúmeras críticas à postura do presidente, que destoa das expectativas que se almeja de alguém que ocupa o cargo de chefe do Executivo. Ao construir a imagem de um presidente cujas atitudes são desmedidas, pautadas por negacionismo e mentiras, põe-se em questionamento a credibilidade de suas ações na gestão do país e dos problemas emergentes que enfrentamos, sobretudo no que diz respeito à pandemia do novo coronavírus.



**Figura 1- Levantamento das escolhas lexicais para nomeação do objeto de discurso - Bolsonaro**

No primeiro parágrafo do texto propriamente dito, a expressão “Verdugo do Planalto” retoma e recategoriza o referente por meio de uma expressão que remete a uma avaliação negativa do presidente, ao comentar acerca da *live* realizada por Bolsonaro, semanalmente. Categorizá-lo como “Verdugo do Planalto” confere-lhe traços de um indivíduo cruel que inflige maus-tratos e tem o poder de decidir sobre a morte — uma alusão a sua forma inadequada de conduzir as providências em relação à pandemia do coronavírus.

No segundo parágrafo, a expressão “o amigão de Queiroz” ressignifica o referente no texto, ao trazer uma nova característica do presidente, associando-o a contatos envolvidos

com denúncias políticas ligadas à milícia<sup>3</sup>, o que exigirá do leitor um conhecimento do contexto para a compreensão dessas escolhas lexicais que compõem os modos de referenciação.

Tais proposições são viabilizadas pelas estratégias de referenciação utilizadas em toda tessitura textual. Essas estratégias demandam uma leitura crítica do texto e da realidade, a partir da mobilização de um conhecimento de mundo para derivar tais sentidos da estreita relação do cotexto com o contexto.

O texto é topicalizado em quatro subtítulos: “PRIMEIRO O VOTO IMPRESSO”, “AGORA AS MÁSCARAS”, “LIVES: CIRCO MAMBEMBE” e “O FUNDO DO POÇO SEM FUNDO”. Os dois primeiros fazem menção a temas abordados na *live* da noite que, em suma, constroem um panorama de motivações para a análise do articulista.

Na discussão do primeiro subtítulo, “PRIMEIRO O VOTO IMPRESSO”, o objeto de discurso é retomado por anáforas diretas, por meio das recategorizações: “bilontra”, “protoditador - e covarde” e “bom picareta”. Tais expressões referenciais implicam escolhas lexicais feitas pelo articulista entre múltiplas possibilidades, as quais são utilizadas estrategicamente para recategorizar o objeto de discurso, remetendo o leitor a traços ou características compartilhadas culturalmente sobre as atitudes de Bolsonaro, por demarcar valores e avaliações axiológicas legitimadas socialmente.

O segundo subtítulo, “AGORA AS MÁSCARAS”, introduz novas expressões nominais que recategorizam o referente, mantendo-o vivo na memória do leitor, ao mesmo tempo em que contribui para a progressão temática: “devoto da cloroquina”, “maníaco do tratamento precoce”, “pai do senador das rachadinhas e da mansão de seis milhões de reais” e “esse cara”.

No terceiro subtítulo do artigo, “LIVES: CIRCO MAMBEMBE”, em que trata do conteúdo, do formato e do gerenciamento que Bolsonaro faz de sua *live* semanal, o colunista apresenta novas expressões referenciais na construção do objeto de discurso em análise, utilizando para tal, o nome próprio “Jair Bolsonaro” e “sócio do coronavírus”. Ao comparar a *live* com um “circo mambembe” (“circo dos horrores do filme mexicano de quinta categoria”) ele descreve no texto as ações e características “autoritária e messiânica” do presidente, tais

---

<sup>3</sup> No inquérito que investiga o esquema de rachadinha na Assembleia do Rio (Alerj), Fabrício José Carlos Queiroz é tido como o operador financeiro ligado a um grupo miliciano, de Adriano Magalhães da Nóbrega. As investigações indicaram elos entre a família Bolsonaro, Queiroz e Adriano.  
Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-20/trama-para-esconder-queiroz-e-ajudar-adriano-da-nobrega-joga-a-milicia-no-coracao-da-familia-bolsonaro.html>

quais: propagação de ódio, cisão, negacionismo, obscurantismo, mentiras, ameaças com o golpe de Estado e ofensas à população.

No quarto e último tópico, “O FUNDO DO POÇO SEM FUNDO”, o articulista adota a estratégia de recuperar os governantes anteriores do Brasil. Num primeiro momento, desfocaliza o objeto de discurso em análise e passa a focalizar outros dois referentes — Lula da Silva (“o meliante de São Bernardo”) e Dilma Rousseff (“nossa eterna estoquista de vento”; “a saudadora da mandioca”), para em seguida retomar o objeto de discurso “Bolsonaro” (“o atual sociopata que nos desgoverna”), visando a caracterizar a intensificação do desgoverno — “o fundo do poço sem fundo”.

No artigo em análise, as expressões nominais escolhidas pelo articulista para (re)categorizar o referente foram selecionadas com vistas a apontar transgressões éticas e morais, manifestadas no campo da governança política e social. Todas as estratégias de referenciação utilizadas e as operações de atribuição de sentido são resultado do projeto de dizer do articulista, as quais refletem e refratam valores legitimados socialmente sobre o objeto de discurso — Bolsonaro.

### **Considerações finais**

Neste artigo, nosso objetivo foi compreender como o processo de referenciação contribui para a construção do projeto de dizer e para a viabilização de uma multiplicidade de sentidos textuais que podem ser inferidos a partir das estratégias utilizadas nesse processo. Para tanto, seguimos a proposta do processo de referenciação com aporte na Linguística Textual.

No artigo de opinião analisado, a escolha de um único referente para estudo nos permitiu encontrar a anáfora direta ancorada como recurso principal do processo referencial utilizado pelo colunista para a categorização e a recategorização do objeto de discurso — Bolsonaro. Essa estratégia foi produtiva para a construção da imagem do chefe do Executivo por meio de expressões axiológicas negativas. As constantes recategorizações atribuíram significação linguístico-semântica, viabilizaram a continuidade temática e referencial e remeteram-se à situação de mundo, o que indicam as potencialidades de um texto de refletir e refratar a realidade.

Com a análise de um objeto de discurso central pudemos, neste artigo, constatar como as (re)categorizações do referente contribuíram para a construção de um projeto de dizer ao mobilizarem valores axiológicos circulantes sob determinado prisma e grupo social.

Nesse sentido, o estudo da referenciação, como um processo que demanda uma atividade sociocognitiva na compreensão do projeto de dizer e da multiplicidade dos sentidos, é essencial para o desenvolvimento de uma leitura crítica.

## Referências

ALVES FILHO, F. “Sua Casinha é meu Palácio”: por uma concepção dialógica de referenciação. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 207-226, jan.-abr. 2010. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/442](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/442). Acesso em: 19 abr. 2021.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. *In*: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

BRAIT, B. Linguagem e Identidade: um constante trabalho de estilo. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 2, n.1, p. 185-202, mar. 2004. Disponível em: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=NumeroAnterior&Num=22>. Acesso em: 22 jul. 2021.

BETIM, F. Trama para esconder Queiroz e ajudar Adriano da Nóbrega joga a milícia no coração da família Bolsonaro. **El País**, Brasil, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-20/trama-para-esconder-queiroz-e-ajudar-adriano-da-nobrega-joga-a-milicia-no-coracao-da-familia-bolsonaro.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: Sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: UFC, 2011.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais - uma proposta classificatória. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 105-118, jan.-jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637068>. Acesso em: 19 abr. 2021.

CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

CHARAUDEAU, P. **Discursos das mídias**. Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CONTE, M. E. Encapsulamento Anafórico. *In*: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

ELIAS, V. M. da S.; RIBEIRO, R. B. Referenciação e interação em blogs. **Revista Texto Digital**, São Paulo, ano 4, n. 2, p. 63-79, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2008v4n2p63/12932>. Acesso em: 30 ago. 2021.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267

FONSECA, F. **Dêixis, Tempo e Narração**. Porto: Fundação Engenheiro A. de Almeida, 1992.

KERTZMAN, R. Bolsonaro em sua 'live': mentiroso como sempre, ignorante como nunca. 18 jun. 2021. **Jornal O Estado de Minas**, 18 jun. 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/colunistas/ricardo-ertzman/2021/06/18/interna\\_ricardo\\_kertzman\\_1278040/bolsonaro-em-sua-live-mentiroso-como-sempre-ignorante-como-nunca.shtml](https://www.em.com.br/app/colunistas/ricardo-ertzman/2021/06/18/interna_ricardo_kertzman_1278040/bolsonaro-em-sua-live-mentiroso-como-sempre-ignorante-como-nunca.shtml). Acesso em: 23 ago. 2021.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. da S. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. da S. **As tramas do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, I. G. V. Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso. **Revista Investigações Linguística e Teoria Literária**, v. 21, n. 2, p. 99 - 114, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1446>. Acesso em: 19 abr. 2021.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 41, p. 75-89, jul.-dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637002>. Acesso em: 19 abr. 2021.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de Referenciação na Produção Discursiva. **DELTA [online]**, v. 14, n. 3 esp., p. 169-190, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43402>. Acesso em: 19 abr. 2021.

MACHADO, L. Os processos de referenciação nos livros didáticos: análise de textos jornalísticos. In: SANTOS, L. W. (org.). **Referenciação e Ensino: análise de livros didáticos / livro eletrônico** – Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2013. p. 164-206. Disponível em: <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor/e-books>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, p. 217-258, jul.-dez. 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18415>. Acesso em: 19 abr. 2021.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. **Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação**. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA, H. L. M. Processos de desfocalização/desativação de referentes e introdução de novos referentes na atividade de produção textual. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 793-808, 2018. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1934/1421>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SANTOS, L. W. dos. Revel na Escola: Referenciação. **ReVEL**, v. 13, n. 25, p. 1-8, 2015. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/725acb4415e9ddbde01a657826817ec3.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SANTOS, L. W. dos; COLAMARCO, M. Referenciação e ensino: panorama teórico e sugestões de abordagem de leitura. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 36, p. 43-62, 1. sem. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32983>. Acesso em: 19 abr. 2021.

SANTOS, L. W. dos; CAVALCANTE, M. M. Referenciação: Continuum Anáfora-Dêixis. **INTERSECCÕES: Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**. Jundiaí, ed. 12, ano 7, n. 1, p. 224-246, maio 2014. Disponível em: [http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes\\_ano\\_7\\_numero\\_1.pdf](http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes_ano_7_numero_1.pdf). Acesso em: 19 abr. 2021.

SEARA, I. R.; SANTOS, L.W. Linguagem e poder nas mídias brasileira e portuguesa. **Diacrítica**. v. 33, n. 3, p. 122-137, 2019.

**Anexo:** Artigo de Opinião — *corpus* de análise

COLUNA OPINIÃO SEM MEDO – 18.06.2021

## **Bolsonaro em sua 'live': mentiroso como sempre, ignorante como nunca**

Nesta quinta-feira (17/6), presidente bateu seu próprio recorde de mentiras e estupidez

Há um termo bem antigo utilizado no futebol para ilustrar um jogador ou um time que exagera nas faltas: 'abriu a caixa de ferramentas'. Pois foi isso o que fez o verdugo do Planalto, nessa quinta-feira (17/6), em mais uma patética aparição no Facebook.

O amigão do Queiroz - aquele miliciano que abasteceu a conta da primeira-dama com 90 mil reais em 'micheques' - falou sobre (quase) tudo um pouco. E para não variar, mentiu e desfilou besteiras como 'nunca antes neste País'.

Dentre as pérolas da noite, como a certeza da vitória de Aécio Neves em 2014, e o apoio explícito à lei aprovada pelo Congresso que facilita - e muito! - a vida dos corruptos e corruptores do País, a demonização das máscaras.

### **PRIMEIRO O VOTO IMPRESSO**

Sobre Aécio, a questão era o voto impresso, fetiche só não maior que cloroquina. O bilontra disse que Dilma venceu na mão grande, e aproveitou para novamente ameaçar o País caso perca a eleição em 2022, sem o tal... voto impresso!



Segundo o protoditador - e covarde, que já está com medinho de perder -, o Brasil poderá ter 'um problema seríssimo' sem o voto impresso, já que 'um lado ou outro pode não aceitar o resultado'. É mesmo? E fará o quê?

Aliás, sobre fraude na eleição, voltou a dizer que tem provas de que venceu ainda no primeiro turno em 2018. O diabo é que, como um bom picareta que é, ele só fala, mas nunca apresenta as tais provas que jura ter.

### AGORA AS MÁSCARAS

Mais uma vez, do alto de toda sua gigantesca burrice e mau-caratismo, o devoto da cloroquina, no intuito de atingir o governador de São Paulo, João Doria, disse que usar máscara dentro do carro pode ocasionar acidentes.

Sim, meus caros. Para o maníaco do tratamento precoce, acreditem, isso causaria ao motorista falta de oxigenação e acúmulo de gás carbônico no cérebro, durante a respiração. Por falar em cérebro, na boa, esse cara tem isso?

Além de estúpido, o pai do senador das rachadinhas e da mansão de 6 milhões de reais é mentiroso, pois disse que, em São Paulo, quem não usar máscara dentro do carro será multado. Isso não é nem nunca foi verdade.

### LIVES: CIRCO MAMBEMBE

Uma das demonstrações mais grotescas da gênese autoritária e messiânica - combinação que costuma ser fatal - de Jair Bolsonaro é essa maldita 'live' que emporcalha o País, toda quinta-feira à noite.

Como um circo dos horrores de filme mexicano de quinta categoria, sempre escoltado por duas figuras, ainda que temporariamente, não menos patéticas e exóticas, o sócio do coronavírus exorciza seus demônios, ao vivo e em cores, para todo o Brasil.

Ora nos ameaça com golpe de Estado, ora ofende a população, ora faz apologia à violência, ora destila preconceito e ignorância, ora propaga ódio e cisão, ora exercita negacionismo e obscurantismo, ora, ou melhor, sempre, mente.

### O FUNDO DO POÇO SEM FUNDO

Quando Lula da Silva, o meliante de São Bernardo, foi eleito, eu pensei: é o fundo do poço. Quando foi reeleito, com mensalão e tudo, pensei: agora é o fundo do poço de verdade. Afinal, o que mais poderia acontecer de pior?

Apenas quando Dilma Rousseff, nossa eterna estoquista de vento, foi eleita, é que o fundo do poço me pareceu inexistente. E quando a saudadora de mandioca foi reeleita, então, eu tive plena certeza: é um poço sem fundo; sem fim.

Com o atual sociopata que nos desgoverna, eu nem penso mais nisso, no tal do fundo do poço. Só penso que, se um dia chegarmos mesmo no fundo, o poço ainda terá um alçapão. E em 2022, ao que parece, minha tese será comprovada.

### **REFERENCE AND PROJECT TO SAY: ANALYSIS OF AN OPINION ARTICLE**

#### **ABSTRACT**

The aim of this article is to understand how referencing can contribute to the construction of the project of saying and to the feasibility of a multiplicity of textual meanings that can be inferred from the strategies used in this process. The proposed understanding of the referencing process that guides us follows the studies of Textual Linguistics (MARCUSCHI, 2001; KOCH, 2001; 2008; CAVALCANTE, RODRIGUES and CIULLA, 2003; ELIAS and RIBEIRO, 2008; ALVES FILHO, 2010; SANTOS and COLAMARCO, 2014, SANTOS and CAVALCANTE, 2014 and KOCH and ELIAS, 2016). We take as a corpus of analysis the opinion article discussed by Ricardo Kertzman, “Bolsonaro in his `live`: liar as always, ignorant as never”, published on 06/18/21, in the newspaper *The States of Minas*. We have as a category of analysis the referencing. In the corpus, the selected referent is constructed and resumed by direct anaphoras as the main referencing strategy used by the article's article writer.

**Keywords:** Referencing. Object of speech. Saying project. Textual linguistics.